KIHATO, Caroline Wanjiku. 2013. *Migrant women of Johannesburg: life in an in-between city*

Johannesburg: WITS University Press. 174 pp.

Doreen Gordon

REFERÊNCIA

KIHATO, Caroline Wanjiku. 2013. *Migrant women of Johannesburg: life in an in-between city*. Johannesburg: WITS University Press. 174 pp.

1 Este relato etnográfico feito por Caroline Wanjiku Kihato sobre mulheres migrantes que vivem na cidade de Joanesburgo é um contributo oportuno, relevante e original para a literatura mais ampla sobre migração e urbanização. É original, porque examina as vidas de mulheres migrantes estrangeiras, muitas vezes invisibilizadas no meio político atual da África do Sul. Centrando-se na vida cotidiana de mulheres migrantes de diversos países — Camarões, República Democrática do Congo, Congo Brazzaville, Nigéria, Ruanda, Burundi, Quênia, Tanzânia, Uganda e Zimbábue —, a autora oferece uma visão de como elas negociam essa vida e lidam com um Estado instável e com a ameaça constante de violência xenofóbica.

2 O livro compacto de Kihato é um poderoso relato sobre como é viver entre múltiplos mundos, suspensas entre um passado "em casa" e um futuro imaginado em outros lugares. Kihato começa com uma noção altamente personalizada de "casa", localizando-se como uma mulher migrante, cientista social e ativista. Com base no trabalho de feministas que escreveram sobre mulheres e migração na África do Sul, a autora esforça-se para retratar suas interlocutoras de pesquisa não como vítimas de uma situação opressora, mas como pessoas que estão moldando ativamente suas realidades diárias e os processos urbanos maiores em que estão incorporadas. Enquanto privilegia a perspectiva "micro" da vida diária dessas mulheres, Kihato também é capaz de

contextualizá-las dentro de estruturas mais amplas de poder material e simbólico. Sua habilidade para se mover entre diferentes níveis de análise teórica é um ponto forte do livro.

3 A descrição de Kihato sobre como seu trabalho de campo foi realizado explicita a originalidade da sua abordagem metodológica. Reconhecendo que as técnicas orais por vezes não conseguem comunicar as experiências das mulheres de forma eficaz, a autora fez a escolha ousada de empregar a autofotografia como complemento visual para seu rico material, oriundo de entrevistas e arquivos. Ela deixou as palavras, preocupações e imagens das mulheres figurarem com destaque no livro, aproximando-se da cidade "a partir de baixo", como diz. Seus argumentos são apresentados em estilo claro, seguro e acessível. Um deles, que percorre a obra, é a necessidade dos cientistas sociais de superarem dicotomias simplistas — como teoria/prática, objetivo/subjetivo, micro/ macro, informal/ formal, ilegal/legal — que caracterizam nossa compreensão dos processos de desenvolvimento urbano em Joanesburgo e em outros lugares. Para Kihato, esses termos estão em constante diálogo, produzindo paisagens urbanas híbridas. A principal fragilidade do livro são, provavelmente, as frequentes referências às políticas e aos planejamentos urbanos, que tendem a suavizar a complexidade do seu trabalho e direcionar a análise para determinadas agendas.

4 Na introdução, Kihato descreve um conceito-chave no livro — o de "liminaridade" ou *in-between city*. Para a autora, a literatura sobre globalização não captura adequadamente a realidade ambivalente da vida urbana de mulheres migrantes, que experimentam Joanesburgo como uma cidade de esperança e desânimo, oportunidade e carência, alternadamente. Tomando emprestado o conceito de liminaridade usado por Turner no seu estudo sobre rituais de passagem Ndembu, no noroeste da Zâmbia, a autora explora a posição das mulheres imigrantes, muitas das quais parecem viver num limbo, com uma trajetória de vida incerta, enquanto aguardam a confirmação do seu *status* de refugiada. Para Kihato, o conceito de liminaridade põe em relevo os limites da cidade — físicos, sociais e psicológicos — que as mulheres navegam em suas vidas cotidianas. Esses limites, no entanto, são frágeis — como quando a violência rompe através das paredes domésticas. Tais lugares podem ser como armadilhas, onde as mulheres tornam-se incapazes de voltar ou avançar; contudo, também fornecem um espaço fora do olhar do Estado, onde agência e estrutura estão em constante relação.

5 No capítulo 2, a autora explora as interações das mulheres com o Estado nas ruas de Joanesburgo, convidando-nos a refletir sobre as práticas locais de regulação urbana. Ela se concentra no caso de Hannah, uma vendedora de rua que atua ilegalmente e é pega pela polícia. A polícia emite uma notificação para Hannah comparecer ao tribunal. Enquanto a polícia e Hannah passam por esse ritual burocrático, mas que parece uma farsa, a autora duvida que o endereço ou o número de identidade fornecidos por Hannah estejam corretos e se pergunta se a polícia também percebe isso. Ao escrever sobre o incidente, ela reconfigura as fronteiras entre a prática legal e a ilegal e mostra como as interações entre comerciantes de rua e policiais produzem uma ordem social híbrida, equilibrada tanto pelo conhecimento das leis estatais quanto pelo reconhecimento das "leis da rua". Nesse capítulo, fica evidente como as pessoas reconfiguram continuamente a natureza da governança urbana.

6 O capítulo 3 destaca as contradições da migração, em que as entrevistadas parecem enfrentar escolhas impossíveis. A autora explora as tensões entre as necessidades das imigrantes para chegar aos países de acolhimento e seus laços pessoais com os parentes

nos países de origem. Voltar para casa raramente é uma opção, dadas as expectativas sociais de sucesso e as obrigações morais das relações de parentesco. Kihato examina esse dilema à luz das experiências de Rosine, refugiada do Burundi. Aqui nos deparamos com a tensão entre as obrigações sociais e pressões morais, de um lado, e o bem-estar pessoal, de outro. Isso significa que as mulheres vivem uma vida dupla — apreciadas em suas comunidades de origem por causa das imagens de sucesso que enviam para casa, elas vivem muitas vezes em circunstâncias de extrema pobreza em Joanesburgo. A pressão social para ser bem-sucedida frequentemente resulta em mulheres abandonadas na cidade — com vergonha de voltar para casa e incapazes de se mover para outros lugares devido à falta de documentos ou dinheiro. Presas nessas circunstâncias, as narrativas e a imaginação das imigrantes tornam-se produtivas, desenvolvendo formas alternativas de mensurar o sucesso e reposicionando as relações com as comunidades.

7 Kihato aborda o tema sensível e muitas vezes negligenciado da violência doméstica no capítulo 4. Outras autoras que escreveram sobre a migração feminina na África do Sul, como Belinda Bellozi e Rebekah Lee, têm investigado o significado dos espaços domésticos e as construções sobre a "casa" entre migrantes na cidade. O trabalho de Kihato, porém, explora outra dimensão dos discursos e práticas domésticos, não apenas dando um sentido de emotividade a esses espaços, mas também relacionando-os com a vida cotidiana de estrangeiras "invisíveis". Ilustrando seu argumento com o caso de Linda, uma mulher do Zimbábue, ela mostra como as vidas pessoais das imigrantes estão interligadas com a comunidade mais ampla e com suas lutas econômicas e políticas. As imigrantes investem nos papéis domésticos, como mães e mantenedoras, enquanto constroem uma vida para si em Joanesburgo. Esses papéis são importantes marcadores de realização e sucesso. Para se destacarem da sociedade sul-africana e manterem suas tradições, as imigrantes valorizam a criação de espaços domésticos harmoniosos, construídos nos seus próprios termos. As imagens das mulheres sobre suas tarefas domésticas cotidianas são tocantes, levando o leitor aos espaços íntimos de suas vidas e às identidades que constroem para si e suas famílias. Ao mesmo tempo, esses espaços são frágeis, como quando a violência doméstica irrompe. A esfera privada pode simbolizar um espaço que resiste às culturas dominantes, mas também ser incapacitante e usada para reforçar o preconceito. As redes sociais das mulheres caracterizam-se tanto por relações de exploração e comportamento antissocial como por reciprocidade, apoio e cooperação.

8 No capítulo 5, a autora explora a violência xenofóbica que eclodiu em toda a África do Sul em maio de 2008 (e que continua a ser um problema). Com três estudos de caso etnográficos, Kihato traz à vida os personagens de uma delegacia de polícia e de um acampamento onde os refugiados foram realocados durante os ataques violentos. Ela argumenta que, apesar dos problemas estruturais, as ações dos refugiados demandaram respostas do Estado — portanto, a "periferia" pode influenciar o "centro". A meu ver, a autora apresenta um argumento menos convincente nesse capítulo. Ela destaca a agência das mulheres migrantes nessas complexas negociações; contudo, ficamos nos perguntando sobre os limites dessa agência, dado o legado repressivo do poder do Estado na África do Sul e da insegurança que informa a vida das mulheres.

9 Em um forte capítulo final, Kihato reitera a posição de que, na cidade "liminar", as experiências das mulheres desafiam as lógicas binárias. Suas vidas revelam que elas são tanto legais como ilegais; ocupam tanto o espaço oficial quanto o não oficial; interagem

na economia formal e na informal; e permanecem enraizadas nos seus países de origem, enquanto estão localizadas em Joanesburgo. Em suma, as mulheres vivem em vários mundos sociais que, apesar de contraditórios, são experimentados como uma realidade cotidiana. A autora ressalta que a cidade liminar é um espaço produtivo e híbrido que está sempre por se tornar. Trata-se de um livro excepcional que coloca questões maiores sobre as cidades africanas contemporâneas por meio da especificidade da vida das mulheres migrantes.

AUTORES

DOREEN GORDON

University of the West Indies, Mona